

VOLK OHNE RAUM, DE HANS GRIMM, E TERRA MORTA,
DE CASTRO SOROMENHO: DOIS ROMANCES EUROPEUS
SOBRE A AFRICA

Willfried F. Feuser, professor de Francês e de Literatura Comparada na School of Humanities da University of Port Harcourt, Nigéria.

O valor do estudo de imagens, ou "*imagologie*", foi recentemente posto em dúvida por pessoas importantes, entre as quais Roger Mercier: "... é ilusório procurar numa obra literária uma imagem de um objeto exterior" (1). Foi também questionado, com uma base considerável de justificação, que a imagem de um grupo social dada por alguém pertencente a outro grupo diz-nos tanto da psicologia de quem faz a descrição como daqueles que são descritos. O mesmo naturalmente pode ser dito do antropólogo social que usa um método inteiramente diverso para equacionar o mesmo fenómeno elusivo. Esperar que um escritor criador forneça uma reprodução fotográfica de uma realidade social — se se trata de uma realidade — aproxima-se de uma total ingenuidade.

Para uma visão mais diferenciada da relação entre o escritor e o "objeto externo" devemos, antes de tudo, levar em consideração a refração da realidade — qualquer realidade — através do prisma da sensibilidade artística do escritor. Além do mais, em nível ideológico, devemos levar em consideração o comprometimento óbvio do escritor com alguma causa — seja política, social, religiosa, racial ou uma mistura de todas elas, o que tende a acontecer, em gradacões variadas, com os novelistas coloniais que levam à distorção da realidade. O escritor muitas vezes relata, não o que vê, mas o que deveria ver se a ideologia e a realidade fossem coincidentes.

Contudo, uma vez dado o desconto dessas inevitáveis distorções de realidade, nada mais nos deveria deter no estudo

1. Ver a crítica literária de STEINS (Martin): *Das Bild des Schwarzen in der europäischen Kolonial literatur, 1870-1918*. — Frankfurt am Main, Thesen Verlag Yowinckel, 1972 in *Revue Française d'Histoire d'Outre-Mer*, t. LXI (1974) No 225, pp. 616-617. R. Mercier define imagiclogia como "a parte da literatura comparada que estuda a imagem que um povo se faz de um outro".

da imagem de um país e de seus habitantes — e, por implicação, de um Continente — nas obras de escritores representativos, mesmo se com isso devemos lidar com o que Ralph Ellison chamou, com acerto, da “degradação de nossa imagem” através do uso de estereótipos sejam malignos ou benignos (2). Do ponto de vista de *Rezeption*, a imagem mais distorcida, seja do negro americano, como no livro de Thomas Dixon, *The Clansman*, ou no filme de D.W. Griffith, *The Birth of a Nation*, dele resultante, ou do africano, como em *Uhuru*, de Robert Ruark, pode ser também significativa, como representativa de um subconsciente coletivo. Mesmo uma imagem puramente satírica, tirada de um personagem fictício, pode ter um impacto sem precedente, como foi demonstrado por Montesquieu nas *Lettres persannes*, que se tornaram o protótipo para muitos imitadores, entre eles Bernard Dadié com *Un Nègre à Paris* e, na Alemanha, Hans Paasche em *Die Forschungsrein des Afrikaners Lukanga Mukra ins innerste Deutschland*.

Se escolhi um autor alemão e outro português que tratam da África, a escolha não é tão arbitrária ou espantosa como possa parecer à primeira vista. Para mim, a polarização colonialismo britânico frente ao colonialismo francês, ou o zelo civilizatório franco-britânico de uma lado e o barbarismo colonialista teutônico do outro, já está desgastada (3); seja como for, seus reflexos na literatura foram bem documentados por N.V. McCullough, (*The Negro in English Literature*, 1962), C.D. Killam, (*Africa in English Fiction, 1874-1939*, 1968), Martine Astier-Loufti, (*Littérature et colonialisme*, 1971), M. Steins, (*Das Bild des Schwarzen in der europäischen Kolonialliteratur*, 1972), Léon-François Hoffman, (*Le Nègre romantique*, 1973) e A.J. Baker, (*The African Link*, 1978), para mencionar apenas uns poucos. Em comparação, a literatura que trata do colonialismo germânico e português na África — ou mesmo de imagem do africano na literatura alemã e portuguesa em geral — tem sido menos intensamente estuda-

2. Ralph Ellison, “Twentieth Century Fiction and the Black Mask of Humanity”, in *Shadow and Act*, New York: Random House, 1964 p. 42.

3. Algumas vozes do Império Britânico soam muito próximas do “assimilacionismo” francês:

“(A) Inglaterra principalmente coube a tarefa de civilizar as raças pretas da terra”. A finalidade declarada da presença britânica na África era “transformar os descendentes de canibais e bárbaros numa raça de cristãos e cavalheiros”. J.M. Stuart-Young, *Merely a Negress*, 1904, pp. 161, 234-235, citado por Killam, *Africa in English Fiction*, p. 55.

da (4). Devemos também ter em mente que, enquanto no Continente europeu alemães e portugueses estavam, e ainda estão, separados por outras nações, eram vizinhos na África, com fronteiras comuns entre Angola e Namíbia (então Deutsch-Südwestafrika) de um lado, e entre Moçambique e Tanganika (então Deutsch-Ostafrika), do outro. Basta lembrar o acordo secreto entre a Alemanha e a Grã-Bretanha, que pretendia liquidar com as possessões portuguesas no Sul da África e dividi-las entre os dois gigantes, para perceber que existiam muitas áreas de contato entre o Reich e o império português, o último e o primeiro a chegarem ao cenário colonial africano, contatos que tenderam a ser do tipo antagônico, culminando na luta armada da Primeira Guerra Mundial, que é tratada em páginas de glória pela literatura colonialista dos dois contendores.

Para Hans Grimm, a invasão do Deutsch-Südwest pelos ingleses e boers foi o aspecto mais ignominioso da Primeira Guerra Mundial: “uma guerra sem necessidade e sem ódio, sem patriotismo provocado ou inflamado, nada senão uma campanha de mais baixa ingratidão e cálculo frio” (5). Uma alusão principalmente aos boers que tinham contado com a simpatia alemã durante sua luta de vida e morte com o império britânico.

Hans Grimm (1875-1959) tinha laços vitais com a África do Sul, onde passara muitos anos como comerciante e tinha sido testemunha apaixonada do desenvolvimento da nascente

-
4. Sobre o colonialismo alemão ver Wolfe W. Schmokel, **Dream of Empire: German Colonialism, 1919 — 1945**, Yale U. Pr., 1964, rev. por W.F. Feuser in **Journal of the Historical Society of Nigeria**, sobre literatura colonial ver F. C. Nwezeh, **L'Afrique Noire dans les littératures française et allemande...** Tese de doutoramento do 3.º ciclo, Université de la Sorbonne Nouvelle, Paris III, 1974 e W. F. Feuser, “Vom Sklaven zum Proletarier”, Munich: **Internationales Afrika-Forum**, 12 jg., Quartal, September 1976, 248 — 264. Ver também vários artigos in **Journal of European Studies**, publicados na Universidade de Exeter, assim como in **Cultures et développement**, Université Catholique de Louvain, vol IX. 1, 1977 sq.

Sobre o colonialismo português ver o excelente artigo de Mon'a Mundu “Der Portugiesische Kolonialismus”, in **Zeitschrift für Geopolitik**, Bad Godesberg, XXIX jg. 11-12, November — December — 1958, e James Duffy, **Portugal in Africa**, assim como todos os livros de Basil Davidson, todos publicados pela Penguin African Library.

Sobre os vários aspectos da literatura colonial portuguesa e a imagem africana, ver as várias publicações de Gerald Moser e Manuel Ferreira.

5. Hans Grimm, **Volk ohne Raum**, Munich: Albert Langen / George Mueller, 1926, pp. 1029 — 1030, daqui por diante citado como **VoR**.

colônia do Deutsch-Südwest. Se bem que muitos títulos de suas numerosas obras demonstrem o interesse na África (*Südafrikanische Novellen*, 1913, *Der Olsucher von Duala*, 1918, *Der Richter in der Karu*, 1930), o *opus magnus* pelo qual é recordado é *Volk ohne Raum* (1926).

Esta gigantesca epopéia (“diese deutsche Erzählung”) de 1.299 páginas é a chave para a ideologia das obras coloniais de Hans Grimm. Suas qualidades formais, entre as quais um tranqüilo *altfränkisch* estilo, baseado nas velhas sagas da Islândia, é o mais marcante, não são fora do comum, e aqueles que buscam a mestria das formas em Grimm, depois que a movimentação e colorido na procura dos valores nórdicos em seus trabalhos foram silenciados pela trombeta do julgamento final em Nuremberg, têm de se voltar para a sua ficção breve (6), que está fora do escopo deste trabalho.

Uma rápida visão do alcance geográfico dos acontecimentos narrados em *Volk ohne Raum* mostra um movimento que corresponde à ascensão e queda do colonialismo germânico. A Parte I, “Heimat und Enge” — “Lar e Falta de Espaço” pp. 9 — 335, introduz o herói, Cornelius Friebott, saindo de uma comunidade ameaçada pela fome na Baixa Saxônia para o distrito do Ruhr, onde se torna socialista e termina preso por insuflar a população num discurso fúnebre, após desastre numa mina, que lembra uma passagem de *Germinal*. (7). Numa distribuição aritmética bem proporcionada, a Parte II, “Fremder Raum und Irregang” (“Disperso em Terra Estrangeira”, pp. 336 — 659), mostra o protagonista chegando à África do Sul, com uma passagem dada por sua família, desejosa de retirar esta mancha de sua honra: um ex-presidiário. Na África do Sul, Friebott encontra seu companheiro socialista, Martin Wessel, trabalha em diversas ocupações, luta contra os britânicos na Guerra dos Boers e é aprisionado em Santa Helena.

Na Parte III, “Deutscher Raum” (“Espaço Germânico”, pp. 660 — 925), Cornelius Friebott, após discussões com o comerciante e fazendeiro Hans Grimm, um *gentleman*, deixa a terra “estrangeira”, ou seja o espaço dominado pelo estrangeiro — o britânico — na África do Sul e vai para a Alemanha

6. Cif. E. Kirsh, *Hans Grimm und der nordische Mensch*, Munich, 1938 e O. Becker, *Die Klein-Epik Hans Grimms*. Phil. Dissertação, Marburg, 1956.

7. Existem ainda outros paralelos mais correlatos entre Zola e Grimm em sua procura ideológica pela *Lebensraum* (“espaço vital”). Para Zola, a África era “esta outra França sem medidas”. Ver também Martin Steins, “Zola: colonialist” in: *Revue des Langues Vivantes/Tidschrift voor Levende Falen*, XLI — 1975, pp. 15-30.

8. Ralph Ellisson, *op. cit.* p. 43.

do Sudoeste, a terra prometida de suas peregrinações. Ele é acompanhado por seu primo George, nascido na África do Sul e anglicanizado, é verdade, mas ainda com possibilidades de ser redimido pelo apelo do sangue e da terra. Os dois primos tomam parte na expedição punitiva do Capitão von Erckert através do deserto do Kalahari, contra os Hotentotes sob o comando de Simon Kopper. Depois da campanha, estabelecem-se como fazendeiros. A Parte IV, num processo de seleção negativa, devolve a Alemanha de novo ao seu estado de enfraquecimento após a derrota na Primeira Guerra Mundial e a perda das colônias germânicas para os vencedores. Mas seu caso é mais individualizado do que antes, sua provação sendo descrita como única: *Das Volk ohne Raum (O Povo sem Espaço*, pp. 926 — 1299). Esta parte final repleta de acontecimentos começa com o retorno de Cornelius Friebott à Baixa Saxônia e um quase reencontro místico com o solo alemão e a alvorada dos Deuses pagãos. Ao mesmo tempo, encontra uma jovem que, sem que ele saiba, é a filha natural de sua namorada de infância, Melsene. Volta à sua fazenda “Gute Hoffnung”, no interior da Namíbia, em tempo para o início da Grande Guerra, a humilhação nas mãos das tropas de ocupação boers e britânicas, a prisão por ter atirado num notório assaltante *bushman* e a fuga para Angola, de onde, eventualmente, volta para a Alemanha com a ferida da sua perda — a perda da Mãe-Pátria — queimando-o por dentro. Em irônicos eventos quase simultâneos, os dois velhos amigos encontram a morte: Martin Wessel, o socialista, é morto como líder grevista pelas tropas do governo da África do Sul durante a famosa revolta no Rand, em 1922; Cornelius Friebott, que repudiara a doutrina marxista, é assassinado por um jovem socialista na Saxônia, por ter traído a luta de classes e pregado o regresso ao solo das colônias ainda a serem reconquistadas pela Alemanha.

Para Friebott, o Marxismo, na forma da “die Sozialdemokratie”, é o verdadeiro inimigo, ainda que o capitalismo e a deformação industrial da sociedade, também sejam condenáveis. De fato, Grimm nos informa que os males que atuam no corpo político da Alemanha são tão velhos quanto as montanhas, datando da cristianização militante de Carlos Magno e de Luís o Germânico, cujos francos venceram a resistência pagã dos saxões, transformando homens livres em escravos, forçando-os a se ajoelharem frente à um Deus estrangeiro. Quando Cornelius Friebott, supostamente um homem do século XX, entra numa venerável igreja antiga da sua terra ancestral, estremece ante o impacto milenar de um estranho mundo oriental, não-germânico, uma atmosfera que é “mor-

genländisch befremdlich". Está, assim, numa guerra de duas frentes: uma ação de retaguarda contra a colonização franca do século IX e uma arrancada contra o Weltanschauung do Marxismo, que aliena as massas industriais e com elas toda a nação, de seu verdadeiro destino. Se alguém leva em consideração o índice numérico da população alemã, a eficiência e produtividade de seus habitantes, tem de aceitar, diz Grimm e repete várias vezes, que nenhum outro povo do mundo foi tão pouco privilegiado em termos de espaço para viver: "Denn so wenig Raum wie wir hatte nie ein anderes Volk" (VoR, 1259). Caso a persuasão falhe, a ordem internacional não permita uma justa redistribuição do espaço e o livre acesso a uma nação faminta de terras ("Gerechtigkeit des Raumes" — "Freiheit des Raumes", VoR, 1243), então esta nação terá de lutar "einen deutschen krieg für das Recht der Zahl und das Recht der Leistungskraft" uma guerra germânica pelo direito numérico e pelo direito devido à capacidade produtiva" (VoR, 703). O Marxismo desvia as energias da nação deste avanço predestinado para o Exterior, canalizando-as numa guerra interna de classes. Se bem que os alemães talvez não tenham conhecimento disso, a Primeira Guerra Mundial é exatamente o tipo de conflito levado a cabo para obter um lugar ao sol, em outras palavras, *Raum*. Como diz Friebott, "Dieser Krieg ist gar nichts anders als der Krieg um Raum" (VoR, 1073).

O controle do "espaço" (aqui não no sentido interplanetário presente) e a noção de hegemonia político-militar são simples sinônimos. Outros, com efeito, usaram a metáfora de "espaço" em conexão com controle político e militar, seja para salientar a agressão imperialista, seja para firmar-se desafiadoramente nas posições privilegiadas do mundo branco dito ameaçado pela "maré montante dos homens de cor" (Stoddard), como o faz competente sociólogo americano, E.A. Ross, quando dá um brado de alarme em seu livro *Standing Room Only*. Hans Grimm, porém, dá a esta metáfora uma dimensão bem germânica. Ele a liga a uma esperança messiânica dita como tendo sido amadurecida durante mais de 2.000 anos de confinamento em "Enge und Kalte und Nacht" ("espaço apertado, frio e noite", VoR, 436), apenas abrandado por sortidas espaço-dinâmicas de imperadores germânicos na Itália ensolarada — uma prefiguração das futuras conquistas coloniais na África. Aqui Grimm recai na linguagem bíblica quando fala da "Verkündigung" ("anúnciação", VoR, 436, 509) da mensagem colonial através dos tempos. Esta nostalgia imperialista toma, assim, conotações definitivamente religiosas e a posição messiânica de Cornelius Friebott, o orador itinerante ("Wanderredner"), que é abatido enquanto pre-

gava a palavra, dificilmente pode deixar de ser encarada com profundidade.

Uma vez que a perspectiva geopolítica de Grimm está limitada à parte sul da Arrica, o principal inimigo encontrado pelo germânico em sua mística procura do “Raum” é o colonialismo britânico e seu cúmplice, o indolente e ingrato boer. Numa visão mais ampla, em escala mundial, o judeu pode ser o verdadeiro adversário, já que é o único a poder competir com o germânico pelo papel de “sal da terra” (VoR, 367). Parece que o autor não se conforma e o censura por sua capacidade de adaptação e seu ardor na luta pela sobrevivência, sintetizada no personagem de Karfunkelstein-Denver. Entretanto, se bem que o relacionamento entre Friebott e este judeu-alemão seja extremamente ambíguo, duvidaria que apenas por ele Grimm pudesse ser qualificado como um proto-nazista, como muitas vezes é considerado.

Contudo, não encontramos tal ambigüidade se damos mais um passo e passamos a considerar o relacionamento entre brancos e pretos, se é que na obra existe algum. A barreira de cor é traçada de modo bem estrita e muitas vezes consideramos, tendo em vista os argumentos favoráveis ou contrários oferecidos por um branco contra outro em sua disputa pelo “Raum” na África, onde as populações negras nativas entram na discussão.

Num mundo rigidamente parcelado, a resposta é simples. Se um lado, o do instrutor colonial, representa “Ordnung und Arbeit und Mühe und Anstrengung” (“ordem e trabalho e esforço e perseverança”), o outro lado, caracterizado por “Faulheit und Raublust und Tyrannenbegierde der Häuptlinge” (“instintos preguiçosos e predatórios e tirania cobiçosa dos chefes”, VoR, 605), claramente tem de ceder. Uma rígida hierarquia racial está implícita na condenação por Friebott das atrocidades britânicas contra a população civil na guerra dos boers que, segundo ele, é tão mais culpado diante de Deus e dos homens, visto serem as vítimas brancas, e não apenas hereros ou hottentotes (VoR, loc. cit.). No seu íntimo ele sabe, contudo, que dado o incentivo certo, o negro africano terá um desempenho tão bom quanto o do branco e censura a variante socialista e da solidariedade de Wessel que usa o rótulo *APENAS BRANCOS*. Mas no mesmo instante — e isto mostra a estreiteza de seu raciocínio — endossa a discriminação racial “porque aprendi que não existem absolutos e porque que eu mesmo sou branco” (VoR, 1002).

Os autóctones da Namíbia são reconhecidos como mais vizinhos da natureza e em contato com o seu poder secreto. Quando Friebott é mordido por uma cobra ele chama o tra-

balhador nativo mais próximo para cauterizar a ferida com fósforos e um pedaço de arame esquentado ao vivo. Para maior precaução, engole a bÍlis da serpente morta, conforme lhe aconselha o africano. Igual a outros nativos, este homem é chamado de “um bambuse”, presumivelmente um nome cunhado na linguagem colonial da África do Sudoeste, que não soa muito afetuosO. (VoR, 912 — 913). Frequentemente se alude aos africanos como “Braune” — raramente como “Schwarze” — uma referência à pele relativamente clara das populações khoi-khoín.

Tendo em conta o sistema racial de castas existentes na África do Sudoeste, que é adotado pelo autor, é surpreendente o número de contatos interracialis mencionados, principalmente na área das relações sexuais. Se bem que repugne a Grimm a miscigenação que resulta em “schmutzige Portugiesen und Mulatten” (“portugueses sujos e mulatos”, VoR, 1181), mesmo um herói de coração puro como Friebott fica ocasionalmente nostálgico em relação à feminilidade da mulher africana. E ficamos sabendo que um número de mulheres mestiças, descendentes do aventureiro escocês Duncan e de sua mulher hotentote, foram legalmente casadas com cavaleiros da cavalaria imperial germânica nos primeiros tempos da colonização. O único personagem importante do livro casado com uma hotentote é Rosch, companheiro de caserna de Friebott, que lhe pede para saudar sua “esposa escura” e pagar-lhe sua pensão, caso venha a morrer em combate (VoR, 730). Rosch é provavelmente o mais memorável personagem do livro; sua bondade para com a esposa e seu amor à terra africana são realmente comoventes. Ele se suicida quando é expulso de seu país de adoção pelas autoridades sul-africanas.

Ainda que o cenário racial em *Volk ohne Raum* não seja de uniforme carolice hipócrita, a linha divisória entre brancos e pretos permanece, e bem definida. Quando muito, os nativos são “bons”, como Johnny Nyule, o jovem criado gaika de Hans Grimm, cuja voz suave (“gute Stimme”, VoR, 657) pode ser ouvida no escuro quando vem certa noite apanhar sua quota semanal de fumo, ou os empregados de Rosch, que retribuem o tratamento humano que lhes é dado. Durante a guerra, muitos dos africanos se tornam “maus”, saqueiam e matam antes da chegada das tropas britânicas e boers. A indignação moral de Grimm face a esta traição não parece ser bem fundada pois a lealdade deve crescer do respeito mútuo.

Como Ralph Ellison diz ao criticar a lealdade desmesurada do negro Loosh no livro de Faulkner *The Unvanquished*: “Não é que eu critique a lealdade em si mesma, mas a lealdade praticada quando não se reconhece a dignidade humana de uma pessoa parece um tanto obscena”.

O erudito e escritor português Manuel Ferreira formulou uma excelente definição do que distingue uma *literatura colonial* das nascentes literaturas nacionais da África:

“A literatura colonial é basicamente definida pelo fato de que o europeu e não o africano está no cerne do universo poético ou da narrativa. No contexto da literatura colonial o negro aparece como que por mero acidente e, com raras exceções, e visto por um prisma paternalístico, quando não claramente animalizado ou embrutecido. O branco, por outro lado, é elevado à categoria de herói mítico, é o desbravador nas terras inóspitas, o portador de uma cultura superior, e, para coroar tudo, é, paradoxalmente, o Escolhido, que se sacrifica. Em resumo, é a encarnação do ponto de vista colonialista, de acordo com o qual o europeu é o agente de forças dinâmicas, e não o opressor...” (9).

Alguns autores portugueses metropolitanos há muito consideraram o negro como uma vítima inocente e o retrataram bem longe do estereótipo comum “naquele processo sensível de prismas opostos, do bem e do mal, de instinto e de intelecto, de paixão e da espiritualidade que grandes obras literárias projetaram como *a imagem do homem*”, (10) tal como Francisco M. Bordalo, na *História de um Negro* (1854), e Camilo Castelo Branco, em sua novela *A Filha do Doutor Negro* (cerca 1885). Em sua *novela-biografia*, *O Degredado*, Camilo desfechou o que talvez tenha sido o maior ataque à mentalidade colonialista que possa ser encontrado numa obra de criação de um europeu: o assassino português João de Couto, que é deportado para a África, se redime aos olhos de sua sociedade, massacrando os nativos de Moçambique: “Um grande patife lá fora, nunca deixa de ser um grande patriota”. (11). É será depois galardoado com título de nobre e tomará o nome de João Evangelista Vila-Real.

Os africanos estiveram em contato com os portugueses por várias centenas de anos. No início do século XVI, o rei do Congo se correspondia em português com o rei de Portugal. Em 1553 o primeiro visitante inglês do que é hoje a costa da Nigéria, o Capitão Windham, descobriu que o Oba de Benim sabia falar português, assim como obviamente Antônio

-
9. Manuel Ferreira, “An Unknown Literature: African Writing in Portuguese”, tradução W. F. Feuser, *West African Journal of Moderne Languages*, n.º 2, September 1976, pp. 145-146.
 10. Ralph Ellison, op. cit., p. 26 — As linhas sublinhadas são de minha autoria.
 11. “O Degredado” in: *As novelas de Camilo*. Seleção, Prefácio e Notas de Alexandre Cabral. Lisboa: Portugália Editora, 1961, p. 205.

de Mingo, um mestiço, que em 1644 se tornou o Olu de Warri (12).

O primeiro elogio à mulher negra à luz da negritude — afora a rapsódia do Rei Salomão sobre a Rainha de Sabá — escrita a respeito da “femme noire”, é da autoria de um estudante de medicina em Lisboa, originário de São Tomé, *A Negra* (1884).

“Vi-te passar, longe de mim, distante

Como uma estátua de ébano ambulante” (13).

Apesar deste e de outros sinais, cedo surgidos, de um desenvolvimento literário genuinamente autóctone, usando o português como meio de expressão, o tipo de literatura que definimos como “colonial”, e da qual a novela de Grimm é um exemplo marcante, tem florescido em Portugal e na antiga África Portuguesa por várias gerações. Mesmo agora, apesar do colapso do Império, em 1974, eu não afirmaria que definitivamente tivesse ocorrido a sua extinção. Coexistiu, principalmente, com a literatura africana em português, e alguns de seus expoentes, mesmo aqueles que obtiveram o cobijado prêmio de literatura colonial, mais tarde tornaram-se lutadores pelo estabelecimento da democracia em Portugal metropolitano e por uma política mais esclarecida nas chamadas províncias de além-mar. Um deles foi Henrique Galvão, com sua novela *O Velo d'Oiro*, de 1932, que mais tarde dirigiu o golpe audacioso contra o navio de luxo português, o *Santa Maria*, a favor do líder da oposição, Humberto Delgado. Outro foi Castro Soromenho, cuja novela *Homens sem Caminho* obteve o prêmio em 1942.

Fernando Monteiro de Castro Soromenho (1910 - 1968) nasceu em Moçambique, de pais europeus, passou a maior parte de sua vida como antropólogo em Angola, escreveu a maior parte de seus importantes trabalhos de ficção em Lisboa e morreu no exílio, no Brasil. Entre os seus trabalhos de antropólogo estão *A Expedição ao País do Oiro Branco*, 1944; *No Mundo dos Negros e Mistérios da Terra*, 1944. Suas novelas e contos compreendem *Nhari, o Drama da Gente Negra*, 1938; *Lendas Negras, Noites de Angústia*, 1939; *Homens sem Caminho*, 1942 (que, dentro de um ano, ganhou o 1.º Prêmio do Concurso de Literatura Colonial); *Rajada e Outras Histórias*, 1943; *Calenga*, 1945; *Terra Morta*, com edição brasileira em 1949 e portuguesa em 1961; *Viragem*, 1957, e *A Chaga*, póstuma. Em 1943 publicou também um livro autobiográfico,

12. G.S.P. Freeman Grenville, *Chronicle of African History*. London: OUP, 1973, p. 108.

13. De: Costa Alegre, *Versos* (póstumos) Lisboa: Livraria Féria, 1916, p. 54.

Aventura e Morte no Sertão Os primeiros livros de ficção de Castro Soromenho, se bem que ainda na tradição do exótico, foram mais além do que qualquer outra produção de seus predecessores na tentativa de compreender o africano. Seus trabalhos podem ser apropriadamente comparados aos de René Maran. A passagem de *Terra Morta*, na qual a nova geração de administradores em Angola é criticada pelos da velha escola, pode bem ser uma autobiografia direta.

O Oficial do Distrito de Camaxilo queixa-se sobre um recém-chegado a Caluango, o distrito vizinho:

“em vez de cobrar os impostos e mandar gente para as minas, anda metido pelas senzalas a ver como os pretos vivem e a ouvir histórias. Que raio podem interessar as histórias desses selvagens! Um telhudo...” (252) (14).

Este tipo de desentendimento por “aqueles que sabem”, ou seja, os velhos colonialistas, e os críticos literários no Portugal Metropolitano, deu lugar a hostilidade aberta, quando Castro Soromenho começou uma segunda fase militante de sua obra, com *Terra Morta*. O fato de ter publicado esta novela no Brasil pode não ter deixado de significar ter sido ele influenciado pelo nativismo literário deste país, que exaltou o Índigena numa tentativa de criar uma nova consciência nacional livre de tutela das regras luso-européias. O nativismo literário estava ligado ao “culto das terras interioranas e seus habitantes, o ruralismo, acima de tudo o regionalismo que, afinal de contas, foi o maior resultado produzido até então pelo Brasilianismo” (15).

Uma influência mais forte sobre Castro Soromenho foi a do Neo-Realismo, um dinâmico rebento literário do Naturalismo, que surgiu em Portugal na metade da década dos trinta e pode ser considerada como uma variação lusófona do Realismo Socialista. É assim descrito por um eminente especialista:

“O Neo-Realismo continuará a revolução copernicana do Naturalismo. Mas não irá limitar-se à objectividade ou objectivismo, ou à *impersonalidade* desarmada de uma interpretação científica do Homem ou da Sociedade. A metodologia poderá ser a mesma, mas sua diferença profunda é que, enquanto o Naturalismo... considera o Homem um produto biofisiológico-ambiental duma sociedade estática, o Neo-Realismo tentará explicá-lo... como um produto das forças so-

14. Citado da edição portuguesa, Lisboa: Editora Arcádia, 1961, daqui por diante, referido como TM.

15. Afrânio Coutinho, *An Introduction to Literature in Brazil*, trad. Gregory Rabassa, New York and London: Columbia University Press, p. 144.

ciais, políticas e econômicas no contexto de uma Sociedade em permanente evolução" (16).

Sob o regime fascista do *Estado Novo*, tal doutrina de inspiração marxista só poderia ser usada com cuidado já que era, de fato, dinamite. Não é portanto de espantar que fosse preciso uma guerra subterrânea de doze anos para o aparecimento da edição portuguesa da novela, em 1961, apenas para ser logo após apreendida pela Polícia Política (DSG/PIDE). A crítica da máquina colonial de exploração em Angola, que está implícita na novela de Castro Soromenho, *Terra Morta*, dificilmente poderia deixar de ser percebida.

Os acontecimentos em *Terra Morta* são vistos principalmente através da consciência do ex-revolucionário Joaquim Américo que, tendo fugido do Brasil, consegue obter um cargo administrativo temporário em Angola, graças aos bons ofícios do Oficial de Distrito, Gregório Antunes. A cena inicial mostra Américo num jogo de cartas com vários funcionários do governo. Esta, certamente, não é uma ocupação condigna para esses portadores de cultura, e o jogo de cartas representa uma metáfora para a falta de objetivo e a pobreza de espírito dos colonialistas. Nesse momento particular vemos Américo em choque com o Assistente do Oficial de Distrito, Jaime Silva, que é conhecido por sua cobica: "Você gosta mais de dinheiro do que um macaco de bananas" (*TM*, p. 9). Quando ele o vê em pé, baixo e barrigudo, quase não alcançando os ombros de Américo, o "Brasileiro" pensa: "Um porco em pé. Porco por dentro e por fora" (*TM*, 12). O retrato moral de Jaime Silva é assim traçado com uma franqueza brutal e acontecimentos posteriores no livro apenas servem para confirmar este quadro.

Enquanto a cidade de Camaxilo, sede da Administração Distrital, permanece estática, afundando cada vez mais na letargia, o mundo em seu redor muda. De modo característico, Silva tenta roubar a afeição de uma formosa negra, de um de seus colegas, Antônio de Vasconcelos, durante a ausência deste último. Um funcionário, chamado Valadares, se queixa amargamente: "... só a chicote! Que respeito nos podem ter esses selvagens quando vêem coisas dessas? É por essas que hoje se vêem negros voltarem-se contra os brancos. Quando eu vim para cá, nem levantavam os olhos. Agora é o que se vê... e qualquer dia correm-nos à porrada" (*TM*, 19).

Fora estes distantes rufares de tambor anunciadores de uma revolução negra, existem outras mudanças sociológicas, devido a fatores econômicos. Algum tempo atrás existiam

16. Alexandre Pinheiro Torres, *O Neo-Realismo Literário Português*, Lisboa: Moraes Editores, 1977, p. 30.

cerca de cem brancos envolvidos no negócio de borracha. Agora seu número desceu para três: “A terra estava morta” (TM, 50). Os nativos trazem um pouco de cera de abelha para trocar por sal e roupas, mas a tribo vizinha, chefiada por um corajoso e amargurado velho *soba* (Chefe), Xa-Mucuari, boicota dois dos três negociantes, porque eles certa vez serviram de guias para trazer os guardas nativos para sua aldeia, a fim de matar, queimar, violar e roubar. “A Lunda está desgraçada” (TM, 64), dizem os velhos nas aldeias que no passado combateram contra “os brancos do Governo” e seu representante local. Num gesto final de protesto, Xa-Mucuari mata Caluis, o soldado nativo, fiel servidor do opressor e depois se enforca. A desintegração da tribo, porém, já chegara a tal estágio que, enquanto os velhos da geração de Xa-Mucuari praticam um suicídio coletivo, um sucessor disposto a colaborar com as autoridades oferece os seus serviços. Este é um personagem desprezível, chamado Comboio (“Trem”), que será, dentro em pouco, misteriosamente assassinado.

O episódio mais dramático da novela é a perda dos bens do jovem Mulato João Calado, que é o filho de um mercador branco que morre sem ter feito testamento. Jaime Silva fecha a casa e diz ao rapaz: “Em face da lei, tu não tens pai nem mãe (TM, 221). Quando o Mulato ataca Silva, é amarrado pelos guardas nativos e chicoteado por Silva até perder os sentidos. Américo intervém e agride Silva. Silva ordena sua prisão mas os guardas nativos ficam com medo de pôr as mãos num branco.

Os destinos de Américo e de Calado parecem estar ligados. Ambos têm de sair de Camaxilo. Américo tem, contudo, uma outra oportunidade, dada pelo bem intencionado Oficial do Distrito, Antunes, que lhe diz que não deve deixar que “um farrusco” — um sujo estrague sua carreira. Apenas lhe espanta que o seu assistente favorito deva tornar-se defensor dos pretos. Joaquim Américo responde:

“Eu não os defendo por serem negros, porque para mim a cor e as raças não contam, mas sim como homens que são tratados como animais, como bestas, nada mais” (TM, 249).

Quando Américo parte, o jovem mulato João Calado, agora a pária, fica na estrada para lhe dizer adeus, mas não quer acompanhá-lo. Sua decisão está tomada e age uns dias depois. Mata um guarda nativo em serviço, rouba o dinheiro da seção de impostos da Repartição Distrital e depois incendeia o edifício, desaparecendo sem deixar vestígio. Um ato revolucionário privado, indicador de coisas mais graves a acontecer.

E Camaxilo é condenado à morte quando a sede do Distrito é transferida para a cidade de Caungula.

Talvez eu esteja falando com a sabedoria dos fatos consumados se considero a retirada da administração colonial de Camaxilo repleta de prenúncios futuros. Parece ser uma tomada de posição oculta, por parte do autor, da retirada portuguesa da terra que os colonizadores tinham arruinado, a *terra morta*. Ou poderiam ficar, mas não nos moldes presentes, de exploração e de opressão. Através de uma constante *volta atrás* na mente de Joaquim Américo, somos colocados em confronto com um modelo mais feliz de coexistência racial, melhor, de coabitação, no Brasil distante, onde uma nova raça de seres humanos está surgindo: a cidade do futuro. (17). No contexto de Camaxilo é um dos homens novos, o despojado Mulato João, quem primeiro brande a tocha vingadora, dando o sinal de rebelião, enquanto Américo dá o sinal de simpatia humanitária, o que é aclamado por um velho preto angolano, com as palavras: “ — Povo! Nasceu o coração do branco”. (TM, 224).

Para Castro Soromenho o colonialismo é processo de uma gangrena destruindo a terra e seu povo, tornando-a inabitável mesmo para os brancos. *Terra Morta* é a expressão de uma desiludida mentalidade descolonizada, vinte e cinco anos adiante de sua época, se compararmos a data de sua primeira aparição (1949) com a da revolução portuguesa (1974) que iniciou a emancipação das chamadas províncias de além-mar e levou à criação de cinco repúblicas lusófonas independentes, ou seja, a Guiné-Bissau, o Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Angola e Moçambique.

Em claro contraste com o desiludido adeus às armas de Castro Soromenho, que é considerado geralmente como a primeira novela genuinamente ANGOLANA, a posição colonial germânica exposta por Hans Grimm em *Volk ohne Raum*, publicada oito anos após uma descolonização forçada pelo tratado de Versalhes (uma bênção disfarçada, a melhor de todas, mas apenas apreciada como tal por outra geração de alemães), é inquestionavelmente agressiva e fruto do orgulho ferido por uma perda prematura. No que concerne aos nativos são um *dado negligenciável*. A filosofia de Grimm, o *Lebensraum*, é insensível ao fator humano. A cristianização e o enobrecimento da “missão civilizatória”, que muitas vezes serve de cortina de fumaça para camuflar as ambições expansionistas

17. Ver a introdução para o trecho extraído de TM intitulado “Chief Xa-Mucuari’s Grievance” in O. R. Dathorne and Willfried Feuser, ed. *Africa in Prose*, Harmondsworth: Penguin African Library, 1968, p. 226.

de outras nações, está conspicuamente ausente do esquema de fatos de Grimm. Este alemão imperioso prega uma restauração colonial — diametralmente o oposto da retirada proposta por Castro Soromenho — numa procura de *Raum* honestamente brutal e sem disfarces.

**HANS GRIMM'S VOLK OHNE RAUM AND CASTRO
SOROMENHO'S TERRA MORTA: TWO EUROPEAN
NOVELS ON AFRICA**

Two novels written by Europeans on African themes are set in confrontation in this essay written by Willfried F. Feuser, a Professor at the University of Port Harcourt, in Nigeria. It deals with Volk ohne Raum, by German Hans Grimm, and Terra Morta, by the Portuguese Castro Soromenho, born in Mozambique. The former is considered as a document of the German colonialism in African lands (and also as a precursor of the Nazi ideology), the latter as "the expression of a disillusioned, decolonized mind twenty-five years ahead" of the events of 1974, resulting in the collapse of the Portuguese colonial empire. Terra Morta is considered the first genuine Angolan novel.

About Grimm's work, Feuser writes too: "Grimm's philosophy, Lebensraum, is insensitive to the human factor. The christianizing and ennobling "mission civilisatrice", which often served as a smoking screen to camouflage the expansionist ambitions of other nations, is conspicuously absent in Grimm's scheme of things".

**VOLK OHNE RAUM, DE HANS GRIMM, ET TERRA MORTA,
DE CASTRO SOROMENHO: DEUX ROMANS EUROPÉENS
SUR L'AFRIQUE**

Deux romans d'auteurs européens sur des thèmes africains sont mis en confrontation dans cet essai fait par Willfried F. Feuser, Professeur à l'Université de Port Harcourt, Nigéria. Il s'agit de Volk ohne Raum, écrit par l'Allemand Hans Grimm, et Terra Morta, par le Portuguais Castro Soromenho, né à Mozambique, oeuvre dont le noeud est développé à Angola. Le premier est vu comme un document du colonialisme allemand dans des terres africaines, le deuxième comme "expression d'une désillusionnée mentalité décolonisée, qui précéda en vingt cinq années" aux événements de 1974, dont resultaient l'anéantissement de l'empire colonial portugais.

Terra Morta est considéré le premier roman véritablement Angolais.

Sur l'ouvrage de Grimm Feuser encore écrit: "La philosophie de Grimm, le Lebensraum, est insensible au facteur humain. La christianisation et l'anoblissement de la 'mission civilisatrice' qui sert souvent de rideau de fumée à déguiser les ambitions expansionnistes d'autres nations, se trouvent visiblement absents de son schéma de faits".